

AS MÚLTIPLAS SILHUETAS: A NOVA MULHER NO ROMANCE MRS. DALLOWAY, DE VIRGINIA WOOLF

Virgínia Silva de Carvalho¹

A restauração do respeito próprio da mulher é a essência do movimento feminista. A mais substancial das vitórias políticas não pode ter valor mais alto que este: o de ensinar a mulher a não depreciar o próprio sexo.

(ANTONY *apud* HOBSBAWN, 2011, p.301)

RESUMO

No romance *Mrs. Dalloway*, Virgínia Woolf aborda a condição da mulher na sociedade inglesa das primeiras décadas do séc. XX. No contexto do pós-guerra, marcado pelas transformações tecnológicas e econômicas, operavam-se modificações nos hábitos, nos costumes e nos valores do cotidiano citadino. Desse modo, propomo-nos analisar a dinâmica das relações femininas no romance *Mrs. Dalloway* e como tais relações fornecem subsídios para entendermos a articulação dos múltiplos olhares femininos em face da elaboração de um novo perfil feminino da época.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Mulheres. Sociedade. *Mrs. Dalloway*.

ABSTRACT

In the novel *Mrs. Dalloway*, Virginia Woolf discusses the status of women in English society in the early decades of the century XX. In the context of post-war, marked by technological and economic, are operated changes in the habits, customs and values of everyday city. Thus, we will consider the dynamics of female relationships provide subsidies to understand the articulation of multiple looks female in the face of developing a new female profile of the time.

KEYWORDS: Literature. Society. Women. *Mrs. Dalloway*.

INTRODUÇÃO

O romance de autoria feminina é marcado pelo dito e o não-dito de discursos dos mais diversos segmentos sociais. Nele, o indizível torna-se o

¹ Mestranda do Curso de Mestrado em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, especialista em História do Brasil, graduada em Letras-Ingês e em História pela Universidade Federal do Piauí –UFPI.

Lietmotiv. Diante disto, o texto literário redesenha, de maneira peculiar, a diluição das fronteiras sexistas dominantes. O resultado não poderia ser outro: emergem vozes que anteriormente estiveram à margem no plano ficcional. Eis o motivo de redigirmos este artigo, propomo-nos analisar a dinâmica das relações femininas no romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, e como tais relações fornecem subsídios para entendermos a articulação de múltiplos olhares femininos em face da elaboração de um novo perfil feminino na sociedade inglesa das primeiras décadas do séc. XX.

Baseado em tal perspectiva, elegemos a vanguarda modernista de Virginia Woolf para estabelecer um comparativo entre o comportamento das personagens femininas em decorrência da sociedade vigente da época. Iniciamos por apresentar a autora, o enredo da referida narrativa, traçando um paralelo sobre as atitudes comportamentais das personagens femininas diante da transição de valores e costumes sociais e, por fim, apresentamos considerações acerca do tema exposto.

AUTORA, INFLUÊNCIAS E A OBRA

Renomada escritora, ensaísta, feminista e crítica literária, Adeline Virginia Stephen nasceu em 25 de janeiro de 1882. Filha do editor *Sir* Leslie Stephen e da ensaísta Julia Duckworth Stephen. Aos treze anos, em decorrência da morte do pai, Virginia e seus irmãos maternos se mudaram para o bairro Bloomsbury e, posteriormente, integraram o famoso grupo de treze intelectuais de Bloomsbury, que preconizava o combate intelectual contra a violência e a opressão de classes e etnias e em favor da emancipação da mulher, dentre outros propósitos (SCARAMUZZA, 2009, p.11).

Publicado em 1925, o romance *Mrs. Dalloway* tem a narrativa situada em junho de 1923, época do pós-guerra, marcada pela crescente expansão dos meios de comunicação e de transporte em massa nos centros urbanos, somando-se a esta o acréscimo do fluxo populacional na capital inglesa, decorrente, dentre outros fatores, do êxodo rural. Assim, os indícios da modernidade refletiam-se igualmente na aparência das jovens inglesas:

Parece que as moças, quando se apresentavam não se vestiam mais de branco, como antigamente. (Lembrar-se-ia de tudo, para contar a Edith.) As moças usavam vestidos justos, simples, com as saias acima dos tornozelos, não lhes sentava, pensou. (WOOLF, 2006, p.157)

Os novos hábitos e costumes eram gradativamente incorporados à ebulição dos tempos modernos, embora a adesão a tais práticas não fosse consenso geral. Obviamente, encontravam-se em vias de padronização social, dentro dos limites de tolerância da ordem em vigor. Visto assim, o momento das inovações supracitadas era o de transição entre uma sociedade arraigada aos valores vitorianos e o alvorecer do mundo moderno. Não obstante, encontramos nas feições do regime vitoriano, também, a normatização dos papéis masculinos e femininos; as mulheres permaneciam subordinadas à autoridade patriarcal. Elas viviam conforme “o ideal feminino inglês” (SHOWALTER, 1985, p. 46)

ANÁLISE DAS RELAÇÕES FEMININAS

O enredo de *Mrs. Dalloway* narra a história de Clarissa Dalloway, a protagonista que dá nome ao livro. Clarissa é uma senhora de meia-idade da alta sociedade londrina às voltas em organizar uma recepção. Ela é casada com Richard Dalloway, político do Parlamento Inglês, e mãe da jovem Elizabeth Dalloway. Na obra, a protagonista é a perfeita anfitriã, dedica boa parte de seu tempo em promover festas, razão pela qual Peter Walsh considera-a frívola. Todavia, ela expressa um desejo de autonomia em relação ao marido: “no casamento, é preciso um pouco de liberdade, um pouco de independência entre as pessoas que moram juntas, dia após dia, na mesma casa; o que Richard lhe concedia, e ela a ele” (WOOLF, 2006, p.15). Desse modo, o olhar acurado de Woolf focaliza as relações matrimoniais dos casais Dalloways, Whitebreds, Smiths e Bradshaws. Por intermédio destes, ela esboça o cotidiano das mulheres da época. Mostrando-as mergulhadas no ambiente doméstico, evidenciam-se suas alegrias, dores e amores, como é exposto no seguinte fragmento:

O vestíbulo da casa estava fresco como uma cripta. Mrs. Dalloway levou a mão aos olhos, e, enquanto a criada fechava a porta e ela lhe ouvia o rugir das saias, sentiu-se como uma monja que volta do mundo e sente que tomba sobre sua fonte os familiares véus e a resposta às velhas devoções. A cozinheira assobiava na cozinha. Ouviu o taque-taque da maquina de escrever. Aquilo era sua vida, e inclinando a cabeça para a mesinha do vestíbulo, curvava-se ante a sua influência, sentia-se abençoada e purificada. (WOOLF, 2006, p.34)

A diegese acontece num só dia, começa de manhã e termina à noite, quando finda a recepção do casal Dalloway. O tempo é marcado pelo passar das horas. O romance é escrito com alternâncias de narrativas. Além disto, o texto é corrido, sem divisões ou capítulos. O narrador, na terceira pessoa, é auxiliado pelo recurso do fluxo de consciência. Assim, o foro íntimo das personagens revela e delinea gradativamente o lugar social no qual elas atuam. Por essa razão, permitenos conhecer e explorar o logos das mulheres, seus horizontes emocionais e psicológicos, traduzindo a natureza de suas relações sociais. Com o recurso de *flashbacks*, Clarissa rememora fatos passados, desencadeando confidências e trazendo à tona recordações. É assim que conhecemos a amizade de adolescência de Clarissa e Sally Seton, conforme o trecho, a seguir:

(Quando Sally lhe emprestou William Morris, teve de ser encapado em papel de embrulho). Ficavam horas e horas no quarto mais alto da casa, falando da vida e de como reformariam o mundo. Pensavam fundar uma sociedade para abolir a propriedade privada, e até haviam escrito uma carta, embora não a tivessem remetido. As ideias eram de Sally, naturalmente- mas logo ela se sentia igualmente entusiasmada; lia Platão na cama, depois do café, lia Morris, lia Shelley durante horas. (WOOLF, 2006, p.38)

É possível notar que na memória da protagonista ressurgem lembranças de sua juventude. Nela, povoam gestos clandestinos, como a leitura de textos interditos. Mostrando aí uma prática comum entre as jovens da época e, ao mesmo tempo, coloca em evidência o fascínio que o proibido provocava no íntimo delas. Além disto, percebemos esta ação escondia um desejo latente em penetrar no reduto literário masculino. Todavia, não é por acaso que, no romance, Sally Seton encarna a figura feminina transgressora por excelência, visto que ela rompe com as

formalidades e os costumes ditados pela sociedade, na medida em que escandalizava a todos com seu comportamento: fumava charuto, andava de bicicleta no parapeito do terraço, discutia os direitos das mulheres. Por estes e outros motivos, ela recebe de Peter Walsh o seguinte comentário: “Sally Seton! Era Sally Seton - a última pessoa no mundo de quem esperaria que fosse casar com um rico e habitar num casarão nos arredores de Manchester, a selvagem, a ousada, a romântica Sally!” (WOOLF, 2006, p.72).

Ao dar-lhe denotações de “selvagem, ousada e romântica”, o narrador woolfiano caracterizava a subjetividade feminina pelo viés do discurso androcêntrico. A autora a posiciona dentro das denominações de mulher-signo nos sistemas semióticos (SHOLWALTER, 1994, p.26). Desse modo, Woolf exerce sua verve feminista ao utilizar o discurso masculino, outrora difundido, para caracterizar as mulheres, porém, dando-lhe uma dimensão de irreverência e o certo tom de desafio às ordenações sociais. Por sua vez, Peter Walsh, no mesmo fragmento, revela aos leitores que Sally Seton não conseguiu se desvencilhar das convenções sociais e rendeu-se ao matrimônio, confirmando o quão difícil era a mulher escapar ao destino traçado para elas: o casamento. Ademais, vemos uma jovem mulher que buscava descobrir-se, testando seus limites. Neste último, sua impetuosidade a faz beijar Clarissa, como exemplificado no trecho seguinte:

Veio então o mais raro momento de toda a sua vida, ao passarem por uma urna de pedra com flores. Sally parou; colheu uma flor, e beijou Clarissa nos lábios. O mundo inteiro podia ter desabado! Os outros desapareceram, estava ela sozinha com Sally [...] (Daqui para lá, de lá para cá). Ela ia descobrindo, ou o seu esplendor irradiava através do invólucro; uma revelação, em êxtase religioso! (WOOLF, 2006, p. 36-40)

Vemos, de um lado, a colegeice da adolescência e, por outro lado, a descoberta da sexualidade. Estabelece-se, então, a sugestão de um imponderável relacionamento amoroso entre as personagens femininas, promovendo um deslocamento da retórica romântica, pautada no padrão de relacionamento entre casais heterossexuais, por conseguinte, o ato caracterizava-se como um desvio de uma prática sexual que transgredia os códigos morais da época.

Neste sentido, o romance entreabre uma fissura nos parâmetros da sexualidade humana vigente, ao indicar um tipo de relacionamento fora do padrão

instituído pela sociedade: “mas essa questão de amor (pensou, tirando o casaco), isso de enamorar-se de mulheres. Sally Seton, por exemplo; as suas relações de antigamente com Sally Seton. Não havia sido amor, afinal de contas? (WOOLF, 2006, p.37). Em sua intimidade, Clarissa reflete sobre seus sentimentos e sensações despertadas pelo simples contato com os lábios de Sally. O curioso é que o laço afetivo entre as duas esmaeceu com o tempo, pois quando elas voltam a se encontrar na recepção de Clarissa, Sally percebe o distanciamento social que as separa, embora conservem respeito e admiração mútua.

Opondo-se, frontalmente a essa atmosfera de cumplicidade entre as personagens, descortina-se a relação tensiva entre Clarissa e Miss Kilman. Esta última, Doris Kilman, formada em História, professora, sinônimo de inteligência, instrução, dotada de senso crítico e engajada em causas sociais. Consideramo-na como um protótipo da nova mulher, por isso mesmo, sua presença perturbava o modelo feminino burguês. Como bem lembrou Silva (2009), o sobrenome Killman é formado pela junção de duas palavras que expressam “ódio e violência”, traduzido, significa *matar homem*. Entendemos como uma referência clara à extinção das projeções masculinas sobre as mulheres, na medida em que a personagem capacita-se para ser economicamente independente, portanto, precursora de um novo perfil feminino. Porém, os obstáculos em seu caminho a impediram de concretizar seus sonhos, que foram se dissipando aos poucos, à medida que é demitida do emprego, devido à sua ascendência alemã, e passa a lecionar aulas às moças de famílias abastadas. A partir daí, veremos uma relação conflituosa entre Clarissa e Miss Kilman. A animosidade e a antipatia ocorriam justamente pelo fato de Miss Kilman exercer influência sobre sua pupila, Elizabeth Dalloway. Clarissa ressentia-se da autoridade da preceptora sobre sua filha. Neste caso, a mãe na posição de detentora do afeto e do carinho da prole, vê-se preterida por Kilman, que sinaliza para a jovem Elizabeth com um novo caminho. Desse modo, Kilman desarticula a autoridade materna, o duelo é inevitável, como se observa no seguinte fragmento:

Agradavam-lhe as pessoas doentes. E todas as profissões estavam franqueadas às mulheres de sua geração, dizia Miss Kilman. Poderia, então, formar-se em Medicina. Poderia ter uma granja. Os animais adoecem seguidamente. Poderia adquirir centenas de acres e ter gente sob o seu domínio. Iria vê-los nas suas moradas. Ali

estava Somerset House. Sim, poderia ser uma excelente granjeira. E essa ideia era tão estranha, embora inspirada por Miss Kilman. (WOOLF, 2006, p. 128-129)

Entretanto, compreendemos que a hostilidade de Kilman por Clarissa vai além de uma simples disputa afetiva. Neste sentido, o antagonismo estende-se no plano sócio-econômico. Kilman vê Clarissa como representante de uma classe rica e opressora. É correto, então, afirmar que a contenda acentua-se numa disputa ideológica, acrescida do discurso religioso igualitário, direcionando a questão para a esfera dos conflitos sociais classistas, conforme o trecho a seguir:

Era pobre, de resto; degradamente pobre. Se assim não fosse, não teria aceitado emprego de gente como os Dalloways; Mr. Dalloway, justiça seja feita, tinha-se mostrado bom. Mas não Mrs. Dalloway, fora apenas condescendente. Provinha da mais inútil de todas as classes, a dos ricos com um verniz de cultura. Tinha coisas caras por toda a parte; quadros, tapetes, uma infinidade de criados. Considerava-se com o maior direito ao que quer os Dalloway fizessem por ela. (WOOLF, 2006, p. 117)

A ascendência de Miss Kilman sobre Elizabeth Dalloway constituía-se num fio delicado, haja vista que o vetor familiar é mais resistente. Nele, encontramos o obstáculo para subverter as imposições sociais vigentes; o lar é o *locus* de domínio estável a partir do qual se cristalizam os valores e as tradições. É por isto que Elizabeth parecia titubear diante de optar por uma carreira profissional, até que decide seguir as convenções familiares, como é apresentado no fragmento seguinte:

Aquilo a decidiu irrevogavelmente, dissesse o que dissesse a sua mãe, a ser granjeira ou médica. Sentia-se, contudo, um pouco indolente. Era melhor não dizer nada. Parecia uma tolice. É o que às vezes acontece, quando a gente está sozinha: edifícios sem o nome do arquiteto, multidão que regressavam ao centro tinham mais poder do que aquele simples pastor de Kensington, do que os livros que lhe emprestara Miss Kilman, para estimular o que jazia adormecido, impotente e tímido no chão de areia da consciência, para queimar a superfície, como uma criança que subitamente distende os braços, um impulso, uma revelação, que produz os seus efeitos para sempre e depois remergulha no areal. (WOOLF, 2006, p.129)

Inegável que, boa parte das mulheres das classes operárias e médias ocupava postos de trabalho em fábricas, indústrias e escolas: “pois, quando as jovens saíam do emprego, contentíssimas de se verem em liberdade, orgulhosas, também, de pisarem em silêncio aquele pavimento famoso.” (WOOLF, 2006, p.151). Paradoxalmente, Woolf indicava que este era um dos desafios das mulheres dos altos estratos da sociedade anglicana. Naturalmente que à superioridade econômica propiciava comodidades e bem-estar, graças a isto, elas permaneciam no ambiente doméstico, cujos deveres restringiam-se em cuidados aos filhos, ao esposo e ao lar. Ademais, o enclausuramento feminino derivava da necessidade do homem burguês manter a esposa na regência da casa, enquanto estes se dedicavam à acumulação de bens (MOREIRA, 2003, p. 30). É óbvio que o cerne desta questão era assegurar o papel estratégico que a mulher burguesa desempenhava na manutenção de tal sistema. Em suma, ela era o esteio do marido. Contudo, nos Estados Unidos e na Inglaterra, a luta por direitos políticos, como o sufrágio feminino, provinha das mulheres das camadas superiores e médias (HOBSBAWN, 2011, p.333). E evidente que o ideal feminino burguês estava com os dias contados, seus alicerces seriam solapados gradualmente pela dinâmica da modernidade.

É curioso observar que Woolf confronta a formação educacional das personagens. Contudo, é preciso que se diga que, apesar de as camadas superiores serem claramente cultas e refinadas, em termos educacionais, é notório que as mulheres das classes altas apresentavam uma formação educacional deficitária em relação aos homens, com mínimas exceções. É o que Clarissa confessa no trecho a seguir:

Não que se julgasse inteligente, ou muito fora do comum. Nem podia saber como tinha atravessado a vida com os poucos dedos de conhecimento que lhe dera Fräulein Daniels. Não sabia nada; nem línguas, nem história; raramente lia um livro agora, exceto memórias, na cama; mas como a absorvia tudo aquilo, os carros passando; e não diria de Peter, não diria de si mesma: sou isto, sou aquilo. (WOOLF, 2006, p.16)

A protagonista, em tom confessional, expressava que suas limitações eram fruto de uma educação aquém dos padrões ideais, revelando ser comum que as filhas de famílias abastadas não frequentassem a escola e terem uma preceptora responsável pela sua educação em casa, somente recebendo noções elementares

de leitura e escrita e, acima de tudo, preparando-as para serem boas mães e donas-de-casa. Num outro depoimento, Lady Bruton associa com amargura a carência de sua escrita, a natureza inferior do próprio sexo, conforme é relatado a seguir:

Após uma manhã de luta, iniciando, rasgando, começando a eterna carta, sentia, como em nenhuma outra ocasião a futilidade de sua condição feminina, e evocava gratamente a Hugh Whitebread, que possuía – ninguém o poderia duvidar – a arte de escrever ao Times. (WOOLF, 2006, p. 104)

Obviamente, ela assimilou às teorias científicas do séc. XIX que, baseadas em argumentos analógicos, afirmavam que “as mulheres e as raças inferiores eram consideradas impulsivas por natureza, emocionais, mais imitadoras que originais e incapazes do raciocínio abstrato e profundo igual ao do homem branco” (SPENCER *apud* STEPAN, 1994, p.74). Todavia, quando Lady Bruton pediu a Hugh Whitebread que escrevesse uma carta para o jornal Times em seu nome, Woolf demonstrava que a diferença entre os sexos residia no fato de que o saber ainda estava, majoritariamente, nas mãos do sexo masculino. Salvo, é claro, as ínfimas parcelas femininas que detinham uma sólida formação escolar. Assim, Lady Bruton e Clarissa são exemplos claros que as mulheres estavam à mercê de um sistema educacional que as transformou em seres dependentes e vulneráveis frente ao mundo androcêntrico, reafirmando, assim, a posição desprivilegiada na qual as mulheres eram submetidas. Porém, a instrução obsoleta feminina ruía ante um processo de rápida escolarização das novas gerações (HOBSBAWM, 2011, p.319).

A autora estabelece ideologias políticas dissonantes entre as personagens. De um lado, o ativismo político de Lady Bruton, fiel defensora do imperialismo britânico. Em *Mrs. Dalloway*, a nobre recrutava jovens de famílias respeitáveis inglesas para ocupar postos administrativos nas colônias britânicas, mantendo o ideário de expansão ultramarino; atendendo à lógica do capitalismo pela aquisição de territórios, de matérias-primas e de mercados consumidores: “Lady Bruton tinha a reputação de interessar-se mais por política do que de pessoas; de falar como um homem” (WOOLF, 2006, p.101). Neste sentido, o narrador woolfiano assinala que a mulher masculinizava-se para penetrar no restrito espaço da política. No plano intermediário, temos Miss Kilman, simpatizante das causas sociais e da politização feminina, um dos motivos que lhe rendeu a demissão do emprego, por

expressar suas opiniões sobre a guerra. Através desta personagem, reforça-se que a politização da mulher não deve necessariamente coadunar com as ideias políticas androcêntricas. Num plano à parte, Clarissa Dalloway, mostrava-se totalmente indiferente às questões sociais e políticas, ignorância que permeava boa parte das mulheres, como é exposto no seguinte trecho:

Importavam-lhe muito mais as rosas do que os armênios. Escorraçados da vida, trêpegos, mortos de frio, vítimas da crueldade e da injustiça (tantas e tantas vezes ouvira Richard repeti-lo) - não, não podia fazer nada pelas albanesas... ou seria armênios? (WOOLF, 2006, p.114).

Desse modo, a narrativa revela que as mulheres não permaneciam imunes e afastadas da esfera política; pelo contrário, tal esfera rodeava seus círculos domésticos e de amizades.

Na trama, o imbricamento entre as figuras femininas acontece no convívio familiar e social, e ainda, através de vínculos de trabalho. Amiúde, observamos, nestas interrelações, tensões, ambiguidades e convergências, desvelando as múltiplas posições ideológicas do dito sexo frágil. Nesse contexto, as personagens focalizadas em nossa análise apresentavam níveis sociais, econômicos, culturais e etários distintos. O que resultou, portanto, num relacionamento tenso que ligava vivências opostas e, ao mesmo tempo, complementares. Além disto, o complexo entrelaçamento de realidades díspares vem a confirmar a afirmação de que a categoria gênero “é um constructo sócio-cultural” (FERREIRA, 2009, p.55), na medida em que as experiências do ser feminino são articuladas e costuradas na tessitura social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa woolfiana chama a atenção para o fato de que as mulheres dos estratos altos da sociedade ainda permaneciam na esfera feminina delimitada pela sociedade. Dito isto, ela advertia que o momento era propício para mudanças estruturais mais profundas, visto que, no mundo moderno, acelerado pelas

transformações tecnológicas e econômicas e, no cotidiano citadino, operavam-se modificações nos hábitos, nos costumes e nos valores. Aqui, o ponto crucial era saber como se processaria a transição entre o dominante e o emergente. Na obra, a simultaneidade de gerações femininas sugere temporalidades que coabitam paralelamente no mundo moderno. Dando uma ideia do vir-a-ser, visto que, cada uma é produto, em grande parte, de um tempo sucedido ou em andamento. Assim, o novo perfil feminino aparece nos deslocamentos e impasses em que as mulheres se encontravam entre o velho/novo, tradição/modernidade, carreira/casamento, amor/emancipação. A narrativa indica a existência de realidades múltiplas, bem como a convergência e a dissonância de costumes, valores e tradições entre as personagens. Comprovando que o surgimento da nova mulher dependia de processos internos e externos. Em primeiro lugar, a própria condição sócio-econômica da mulher. Em segundo, referia-se às transformações históricas e culturais que englobavam todos os seres.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. Reflexões sobre o conceito de gênero. In: **As mulheres na filosofia**. Lisboa: Colibri, 2009.

HOBBSAWN, Eric. A nova mulher. In: **A era dos impérios 1875-1914**. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MOREIRA, Nazilda Martins de Barros. Escrita, crítica, gênero: uma trajetória feminina, feminista. In: **A condição feminina revisitada**: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: Universitária, 2003.

SILVA, Maria Paula Barbosa. Ecos e empréstimos de Mrs. Dalloway nas narrativas do tríptico. In: **Relações intertextuais entre The Hours de M. Cunningham e Mrs. Dalloway de V. Woolf**. Lisboa, 2009. p.88-148. Dissertação (Mestrado) Universidade Aberta.

SCARAMUZZA FILHO, Mauro. Virginia Woolf e o Grupo de Bloomsbury no ambiente social e cultural do início do século XX. In: **Kew Gardens, de Virginia Woolf: Relações interartes pelo prisma de Bloomsbury**. Curitiba, 2009. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Paraná.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: O papel da analogia na ciência. Trad. Cláudio Oscar. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Boitempo, 2006.